

## O valor intrínseco do medicamento

### Intrinsic value of drugs

Ferreira J.F.<sup>1</sup>

ARTIGO DE OPINIÃO | OPINION ARTICLE

A nova versão das Boas Práticas de Distribuição de Medicamentos foi aprovada ao nível da Comunidade Europeia e decorre atualmente a sua implementação ao nível dos diversos países.

Por outro lado, a venda através da internet é alvo de grande discussão, e as autoridades sanitárias dos diversos países procuram adequar a diretiva europeia a sua própria realidade, ao controlo do consumo inapropriado do medicamento e à redução do risco de contrafação.

Em França, Espanha, Portugal e Reino Unido, propõe-se a mudança efetiva da atividade profissional do farmacêutico de oficina, bem como a sua remuneração, numa lógica de prestação de serviço e não de margem por embalagem de medicamento vendido. Pressupõe-se o emergir, de forma definitiva, do farmacêutico como garante do bom uso do medicamento e como agente de saúde na prevenção e controlo da doença e promoção de formas de vida saudáveis.

Os diferentes países europeus preparam-se para estabelecer mecanismos de garantia de uma rastreabilidade completa do medicamento desde a sua produção até ao seu uso final.

Estes são apenas alguns exemplos mais recentes de iniciativas que pressupõem que o medicamento tem um valor fundamental na nossa vida, como a conhecemos hoje, e que é corresponsável pelo aumento da esperança média de vida do ser humano no último século. Pressupõem igualmente que o medicamento integre tecnologia de ponta, sistemas de distribuição complexos, profissionais de inegável competência e um acesso e proximidade ímpares entre outros produtos de consumo...

Perdão? produtos de consumo?

É verdade... sempre considerámos que a importância do medicamento é tão elevada que por norma o separamos dos outros produtos de consumo, pelo benefício terapêutico inerente,

pelos riscos que comporta a sua má utilização, pelo nível de investigação que exige, pelos profissionais que o tratam e pelos circuitos específicos que utiliza.

Mas não pelo seu preço.

Por norma, aos produtos de alto valor intrínseco, corresponde um alto valor económico.

E no início da industrialização da investigação e produção do medicamento este paradigma manteve-se: os medicamentos eram normalmente considerados como caros aos olhos da opinião geral.

Com o passar do tempo, o preço dos medicamentos tem sofrido uma redução constante chegando a níveis que temos dúvidas legítimas se efetivamente se paga o seu valor intrínseco. Desde logo, é fácil admitir que a generalização da utilização do medicamento tenha provocado um aumento exponencial dos seus volumes e como tal uma diluição dos custos fixos da sua produção e que os custos das matérias-primas tenham sofrido uma lógica idêntica. Também é fácil admitir que com o tempo de comercialização, as empresas recuperaram o capital investido na investigação que lhe deu origem.

Só que a partir daí, os custos variáveis de produção aumentaram, os custos de distribuição também e os custos associados a atividade da farmácia de oficina dos diversos países seguiram a mesma tendência.

A questão que deveremos colocar a seguir é se os mecanismos de concorrência provocaram esta baixa do valor económico e se o próprio circuito adaptou os preços a esse fator. Apenas a introdução dos medicamentos genéricos permitiu esta adaptação, mas como sabemos, na maioria dos países esta introdução necessitou de medidas de regulação e de incentivo importantes. Por diversas razões a introdução de medicamentos genéricos nunca assumiu o carácter fluido que à partida consideraríamos como evidente.

<sup>1</sup> Presidente e Diretor Geral de Alliance Healthcare – França

Finalmente, faz sentido perceber se o consumidor possui o poder de mercado para fazer baixar o preço do medicamento aos níveis que hoje conhecemos. Sinceramente, penso que não.

O medicamento é um bem essencial e como tal, o consumidor deste bem não hesita em comprá-lo e não discute o seu preço, só que...no caso do medicamento, o consumidor não paga uma boa parte do seu preço. É o Estado, através dos seus diversos sistemas de assistência social, que paga ou reembolsa uma parte importante do preço do medicamento.

E o que temos vindo a assistir é a aplicação pelos diferentes Estados a políticas de reequilíbrio financeiro ao nível social com particular incidência ao nível do medicamento, nomeadamente pelo seu peso específico e pela facilidade de implementação dessas mesmas medidas nesta área: redução de preços de venda a público, redução de margens dos diversos operadores, introdução dos medicamentos genéricos, etc.

Isto naturalmente só é possível porque os Estados associaram o seu papel de regulador ao seu papel de pagador e basicamente desligaram o valor intrínseco do medicamento do seu valor económico.

Quando há algum tempo, o meu bom amigo Fernando Monteiro 'inundou' a classe política de Portugal com a comparação de preços de uma embalagem de um medicamento e de uma embalagem de pastilhas elásticas 'meteu o dedo na ferida' como é hábito dizermos: é de facto

duvidoso que hoje estejamos a pagar o valor correto de todas as operações e expectativas terapêuticas associadas (ou que deveríamos associar...) ao valor intrínseco do medicamento.

Em Paris, cidade onde vivo por motivos profissionais, um café expresso custa entre 2,5 e 3,5 euros e uma embalagem de Alprazolam 0,25mg, 30 comprimidos (confesso, que escolhi produtos com efeitos provocativamente contrários...) custa 1,96 euros, preço de venda a público. Um 'pack' correspondente com um café diário custará entre 75 e 105 euros, entre 38 e 53 vezes mais. E seguro, que a seguir, iremos 'indignados' exigir o reembolso da embalagem do medicamento...

Tenho sérias dúvidas que a concentração dos diversos componentes do café expresso possua o grau de rigor que teremos no comprimidos Alprazolam, que conheçamos todos os seus constituintes e aditivos, que os seus armazéns estejam sujeitos as mesmas boas práticas de distribuição e processos de traceabilidade e sinceramente nunca fui questionado e informado no ponto de venda se correria algum risco em tomar um (delicioso, diga-se de passagem...) café expresso. Provavelmente, nem tenho que ser...

Mas seria importante termos uma certa coerência.

O valor intrínseco de um produto depende do produto e do seu benefício associado, não de quem paga. Poderemos compreender que no medicamento não seja assim, mas não necessariamente temos que estar de acordo...